RENASCENÇA

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

REDACTORES

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida, Teixeira Duarte e Vieira da Silva.

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por tres mezes. . . . 2$000
Por seis » . . . . . 3$500

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres mezes. . . . 1$500
Por seis » . . . . . 2$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1878 — NUM. 4

EXPEDIENTE

De novo rogamos aos nossos assignantes o especial favor de remetter-nos a importancia de suas assignaturas pelo correio.

Os originaes enviados a redacção não serão devolvidos.

RENASCENÇA

Rio, 30 de Setembro de 1878.

Divergem muito as opiniões sobre o adiantamento da instrucção no Brazil.

Uns dizem que, em relação ao tempo em que data a sua independencia, acha-se ella bastante desenvolvida; outros clamam pelo seu completo atraso: e alguns são de opinião que ella não se acha em tão grande atrazo, porém que o seu adiantamento não corresponde a era em que data a independencia.

No nosso humilde modo de pensar, entendemos dever antes abraçar esta ultima opinião.

Apezar de já termos percorrido algumas de nossas provincias, e de vermos a falta de escolas que nellas existe e a falta de methodo e criterio na direcção das poucas que ellas possuem, não podemos comtudo admittir que a instrucção esteja no Brazil em tão lamentavel estado como alguns asseveram.

Não cremos tambem, como outros, no seu grande desenvolvimento. Entendemos que ella marcha vagarosamente, porém que já se acha em um ponto que talvez com uma boa reforma, criterio e com patrioticos esforços dos que a dirigem, poderá em breve chegar a meta desejada.

Cremos que até mesmo na côrte, pelas frequentes reclamações que da instrucção fazem os mais importantes orgãos da capital, ella não está ainda na altura em que devia se achar. Vemos grandes e custosos palacetes dedicados a instrucção popular,—parece-nos, porém, que pela falta de ordem e methodo que nellas ha, não afluo para ellas grande numero de alumnos.

Ha paes que com grandes sacrificios vestem decentemente seus filhos para mandal-os a escolas publicas, e que vêem-se depois obrigados a retiral-os dahi, e mandal-os para collegios particulares, pelo pouco que elles approveitam ali e tendo muitas vezes de reduzir por isso as mais indispensaveis despezas da familia.

E donde provem esse mal senão pela falta de ordem e methodo nessas escolas?

E' muito natural que concorra para isso o insignificante ordenado que percebem os professores publicos.

Os acreditados professores já nem querem tomar o encargo de dirigir escolas publicas.

Clamam que o ordenado que percebem não corresponde aos trabalhos que teem.

Moralisem pois as escolas publicas, façam com que ellas funccionem com methodo e ordem. Augmentem, ainda mesmo com sacrificios, os ordenados dos professores, e sejam mais escrupulosos na escolha dos que teem de dirigir as mesmas escolas, que a instrucção progredirá com mais celeridade e em breve veremos o Brazil marchar na vanguarda do progresso.

NOTICIARIO

Recebemos os seguintes jornaes: Besouro, Diario de Campos, Actualidade, Mosaico-Ouro-pretano, Revista Instructiva, Reflector, Diabrete, o Liberal, Baebendiano, Diario de Mogy-Mirim, Echo-Liberal, Museu Litterario, Provinciano, Echo Juvenil, Piracicabano, Papagaio e Infancia. Muito agradecemos.

* * *

O nosso companheiro de redacção o Sr. Teixeira Duarte desde o dia 14 do corrente se acha ausente, em passeio á Minas, onde reside sua Exma. Familia.

* * *

O Seculo.— E' titulo de uma nova folha litteraria que, segundo nos consta, deverá apparecer a luz da publicidade no principio do mez vindouro.

O nosso amigo A. A. de Araujo faz parte da redacção, bem como Alarico Proença, nosso estimavel collaborador. Muito nos alegraremos com a apparição do novo campeão nas lides litterarias.

LITTERATURA

A MULHER

A mulher é a miragem de Deos. Ella nos irradia a crença, a esperança, os sentimentos nobres.

Nada existe de mais bello e venerando do que fronte meiga da mulher virtuosa. Se ha ventura possivel na terra existe no seu olhar terno, porque elle faz nascer em nosso peito o amor, sentimento sublime e ardente. N'ella, faz-lhe abrir os encantos, impelle-a aos affectos nobres, torna-a heroica. O amor dá-lhe a soberania de que gosa, soberania, porém, que muitos procuram arrancar, mas, que no entretanto, vaé criando raizes mais inabalaveis.

Ella é um sacrario de virtude, de nobresa, de lealdade.

Mas, dizem ainda alguns homens e entre elles os philosophos: — A mulher é uma creatura fragil.

Porque?

O homem apresenta-se, envolto na capa de amante sincero, implora-lhe um sorriso, seduz com palavras, faz-lhe mil promessas, finge dedicar-lhe a mais vehemente paixão, ajoelha, torna-se humilde e pode-se até dizer servil.

Unem-se.

Eis que apparece uma grande transformação nos sentimentos do homem. Delicado e indulgente emquanto amante, quando esposo, passa a ser um senhor absoluto, um despota implacavel.

Elevou primeiramente a mulher ao infinito da esperança, collocou-a no mundo das idealidades, para depois a deixar cahir, sem remorsos, no abysmo do scepticismo e da indifferença.

A queda é quasi que mortal.— As antigas crenças forão agitadas, o coração despresado e trahido ressente-se, mas a dignidade e a dedicação da mulher ficam inabalaveis e firmes.

Onde existe pois a força?

Na mulher que passa um viver de soffrimento e que resignada recebe affrontas que não merece ou no homem que a opprime sem piedade, sem consciencia!

A verdadeira força então existe no infortunio.

O homem tenta a virgem candida com o canto envenenado da sereia.— Apparecem os juramentos, a humilhação, lagrimas, sorrisos; nada falta do que não lance mão.

Os mais torpes e degradantes ardis são empregados para o cumprimento de seus desejos, para calcar aos pés a corôa de virgem.

Depois... chamam fragil á pomba porque, innocente, não presentia o abutre. Appellidam de fraqueza o que é innocencia, a força no entender desses *espiritos fortes* nada mais é do que o vicio e a crueza.

A mulher no entanto, generosa, aquecida pelos transportes dos seus sentimentos, perdôa muitas vezes a quem lhe roubou os perfumes mysticos das flores, a quem lhe roubou seus puros anhelos, a quem despedaçou seu porvir, seus sonhos de pureza.

Ainda mesmo á vista de tanta dedicação e tanta generosidade o homem fica silencioso.

Não perdôa á virtude quando esta reage contra elle; a mulher chega a perdoar ao criminoso que lhe deu o infortunio.

E os *philosophos, os espiritos fortes* deixam passar impunes seus actos de algoz e criminam o sorrir de um anjo!!

Agosto, Rio.

R. dos Santos Junior.

A SOCIABILIDADE DO HOMEM

Não precisamos ser versados com a humanidade; não precisamos observar ou estudar o caracter de cada homem em particular para demonstrar a sociabilidade, elo inquebrantavel do mechanismo universal.

A sociabilidade, é a grande arteria por onde gira o sangue do gigante—universo—; é a vida, a essencia da humanidade, o ser do mundo e, finalmente, uma das leis naturaes que o regem.

Assim, ella por todos os lados liga os homens ainda mesmo que sejam inimigos, e a marcha natural do mundo jámais se interrompe.

Lancemos, em um momento, as vistas para o passado, vejamos se pela historia ahi podemos chegar, e o que vemos?

No principio do mundo, ignorancia que arrastava o homem ás mais absurdas superstições, ao servilismo e muitas vezes ao irracionalismo brutal da segueira que o caracterisava.

Da ignorancia, isto é, da razão em estado latente, ou da ambição desregrada que muitas vezes distinguia um ou outra entre os homens, nasceram as lutas, as perseguições crueis, os espiritos destruidores que tolhiam a marcha regular e natural das cousas.

Mas «Le monde marche» e esse vêo—que o occultava a razão, esse estado authomatico e, pôde-se dizer primitivo do homem, deve de ceder a razão, a razão que procurava cumprir o seu papel entre as faculdades e distinguir o homem do irracional.

Vemos muitos factos, na historia, que parecem provar a insocialidade.

Muitas discordias, rixas e lutas crueis que não são senão filhas da ambição ou do espirito destruidor sem o auxilio da razão; e todas essas lutas, essas rixas, essas discordias parecem provar a insocialidade.

Mas, não, não n'aprova, porque a sã razão sempre appareceo, além d'isso, a materia é parecivel e as forças fallecem muitas vezes em meio mesmo das lutas, e depois, a reconciliação, principio da sociabilidade.

A constituição do mundo, razão, a necessidade, os mysteres da vida, tudo isto demonstra a sociabilidade do homem.

E se o homem não fosse sociavel?

Seria irracional e o mundo marcharia para um abysmo, tudo seria retalhado.

T. Duarte.

PARTE SCIENTIFICA

A RENASCENÇA. OS INVENTORES

A historia por suas grandezas e decadencias tende incessantemente para a verdade e para a justiça.

Mostra-nos ella, a cada momento, a sabedoria e lentidão de suas leis.

Muitas vezes triste, ferida, vulnerada, quasi amortecida, penetra no meio de um cortejo de ruinas e cada destroço do passado que piza é uma fita do porvir.

Para quem a considere attentamente, sua marcha jámais é interrompida.

Percorre uma espiral infinita. A liberdade humana á seu obreiro; o progresso sua lei.

Até nas horas mais monotonas e mais sombrias, avista-se a estrella immortal que a guia.

A idade media, em particular, pode ser considerada como um ascendente adiantamento para a luz.

O povo durante mil annos, subio o caminho do Calvario, molhado de suor, levando a cruz nos hombros. Ahi não havia Simão Cyréneu para aliviar-lhe esse fardo, nem Veronica para enchugar lhe o rosto.

Nos tempos de Augusto e de Adriano, existia uma escola de admiradores do passado, que lhe sacrificavam o presente e, ainda, lhe immolariam o futuro.

Não fallo dos que lamentavam, com razão, a ruina dos costumes e se affligiam com os symptomas da decadencia politica e moral.

Fallo desses piedosos zeladores das velhas obras do genio latino, que no fervor do arcahismo, preferiam a Virgilio Ennius e Navius, depunham Tito Livio a proveito de Fabius Pretor, e desprezavam o amphitheatro de Pompéa, ou o povo de Cesar, pelas sentinas de Tarquinio.

Vê-se hoje igual predileção pela idade media. Grande numero de excellentes espiritos estão no meio das trevas; homens do mundo rehabilitam os mosteiros; artistas e poetas estão ajoelhados perante os monumentos gothicos.

E' impossivel dividir esta vista estranha da historia.

Uma cousa, porém, me occorre no estado fantastico e monstruoso da idade media; uma especie de pyramide de barões feudaes, tendo no alto a realeza e a igreja, no meio a nobreza e embaixo o povo, succumbindo sob a enorme massa; é a paciencia dos oppriminidos, a resignação apenas interrompida pelas sublevações selvagens e mysticas dos Jacques e dos Pastoureaux.

Creio que a paciencia tem a ausencia da claridade como vicio de conhecer.

O homem, na idade media, não conhecia nem o direito, nem o dever social, nem seos destinos, nem sua propria pessoa.

O que, pois, conhecia?

Nada!

Eis o motivo porque é elle vencido.

A idade media ignorava a terra, os ceos e o homem!

Os antigos, como todos sabem, tinham posto por toda a parte limites á configuração do universo.

Onde parava suas conquistas e conhecimentos geographicos, era para elles, a extincção do globo terrestre.

Quando não tinham mais terras e povos para figurarem em suas cartas, os gregos e latinos escreviam ousadamente: *«Ibi defuit orbis»*, aqui terminou o mundo.

Depois da queda do imperio romano, em continuação aos grandes movimentos dos barbaros, os limites do mundo conhecido abriram-se e deixaram divisar-se perspectivas agitadas.

E, na idade media, a geographia retumbou nas trevas. Não se conhecia mais o respectivo lugar das tres partes do mundo.

As cartas-feitas nestes tempos de ignorancia, dão as cidades, costas, rios e mares, posições que nos fazem admirar.

As relações tornavam-se tão dificeis que nos fins do seculo X, um abbade de Cluny, em Burgonha sendo incumbido de levar monges para um mosteiro, junto de Paris, desculpou-se dos perigos da viagem, dizendo, que não queria expôr-se em uma região desconhecida.

Tr. (*Continua*)

Avellar Andrade.

VARIEDADE

.·.

Sara era uma linda donzella :

Tez morena, rosto oval, olhos pretos e rasgados, cabellos ondeados e negros como o azeviche.

Era a perfeição do ente divino. O verdadeiro primor de Deus!

Amava ella a um jovem.

.·.

Em uma dessas bellas noites de luar viam-se dous vultos sentados n'um tosco banco.

Era n'um jardim.

Aqui e alli elevavam-se bosquetes sombrios.

As folhas das arvores brilhavam tocadas pela luz da lua.

As flores aromatisavam os bosquetes comseus perfumes.

No céo azulado e verdadeiramente despido de nuvens brilhavam encantadoras milhares de estrellas.

Os raios da lua passando atravez dos ramos e folhas das arvores vinham bater-lhes nas faces, mostrando os sorrisos que partiam meigos dos labios.

Elles tinham as mãos entrelaçadas e fallavam a meia voz.

.·.

— Alfredo, disse Sara a seu companheiro, como é bello para dous entes que se amam conversar tendo por companheiro a lua vem linda e fagueira beijal-os dando força as expressões de amôr.

— E' verdade, respondeo elle, principalmente quando se tem ao lado um anjo como tu, minha querida Sara...

— Sara corou e disse-lhe:

— Ora deixa de gracejos...

— Não são gracejos, minha bella...

Qual o homem que, sentado a teo lado, não morreria de amores?

E's tão bella.

E dizendo, imprimio-lhe um beijo na mão.

O joven erguendo os olhos vio que Sara tinha corado; mas... um leve sorriso lhe bordava os labios.

.·.

Durou esta conversação algum tempo, estando ambos sentados no banco.

Depois levantaram-se e começaram a passear pelo jardim.

De vez em quando a lua presenciava um beijo.

Elle os dava e ella os recebia nas faces. Só os ouviam a lua e as estrellas.

Chegavam, por fim, junto a uma cascata e observavam as aguas cairem rolando pelas pedras. As espumas ahi formadas estavam prateadas pelo luar e mostravam um poetico aspecto...

Pouco tempo depois caminhavam por um formoso bosquete; parando de vez em quanto, conversavam, sorriam-se e continuavam a andar.

Ao sahir do bosquete Sara deu um grito de susto e Alfredo tomando-a nos seus braços, meio desmaiada, vio um vulto negro passar por sua frente e encaral-o; mas como estava embuçado n'um manto, não lhe pôde ver o rosto.

Seguiu-o com os olhos e vio-o desapparecer por entre as arvores. Segundos depois elle chamou por Sara e esta despertou pallida fitando-lhe os olhos desvairados.

.·.

— O que aconteceu, quem passou por aqui? Perguntou ella.

— Ninguem, nada aconteceu, respondeu elle.

— Eu vi um vulto negro que...

— Foi illusão tua, minha querida.

— Eu vi e elle se approximou de nós.

— Aqui nada se passou.

— Pois eu, se me não dissesses jurava ter visto.

— E' tarde, minha bella, replicou o joven em voz triste, preciso retirar-me.

— Já! perguntou ella.

— Já... e...

— Falla... o que tens?

— Oh! sinto uma dôr profunda no coração... Não tenho animo de fallar.

— Porque?... Falla.

— Vou deixar-te por alguns dias, meu anjo, disse elle, enxugando as lagrimas.

—Oh! meu Deus, não me deixes, Alfredo.

—Um tio meu chama-me a negocio urgente.... não posso ficar.

Podes partir, mas não te demores.

Adeus, Sara.

Sara enxugava as lagrimas e attirava beijos a Alfredo que de vez em quando olhava para traz e lhe correspondia.

Afinal desappareceu elle na solidão e Sara entrou para casa.

.·.

Dias depois via-se uma multidão de carros e ouviam-se os sinos que repicavam nas torres da igreja.

Alfredo conduzia Sara ao altar e recebia a consagração do matrimonio.

Avellar Andrade.

POESIAS

EXCAVAÇÕES REALISTAS.

IV.

Na praia.

Era á beira da praia, ao descahir da tarde,
Sentiam-se susurros na multidão compacta,
Uns barcos deslisavam ao longe, docemente,
E iam dar principio aos p areos da regata.

O ar tinha a calidez pesada dos desertos
O sol vinha tombando em direção ao mar,
E eu senti a attracção de quem por entre nuvens
Lançava agudas vistas ao mundo sublunar.

.....
.....

Passavam airosamente carruagens ricas,
Com gastos messalinos, sentadas indolentes,
Mostrando impudicamente uns vestuarios vis,
E uns gestos luxuriosos, frinos, surprehendentes

A' sombra do arvoredo os grupos de familias,
Seguiam co' as vistas as marchas dos bateis.
E os burguezes ricos e alegres parasitas,
Compravam doidamente as *poutes* infieis,

Ganhara uma galera e ao voseiar confuso,
Aos hurrahs em delirio da louca multidão,
Juntou-se o passo lento d'animaes tristonhos,
Levando um corpo morto á ultima mansão.

R. dos Santos Junior.

Rio, 15 de Septembro de 1878.

CONFISSÃO

Sempre ao sol posto n'um vasto jardim
Todo plantado de arbustos mil
Por longas horas passeava triste
Dos sonhos meus a visão gentil.

Immenso muro nos separava,
Porem transpol-o um dia ousei,
E resoluto vendo nella a vida
Correndo risco dentro me achei.

Timido e tremula approximei-me d'ella
Sentava estava pensativa e triste
Desfolhando petalas de cheirosas flores
Quando ancioso eu então lhe disse :

« Perdôa, oh! fada, vir despertar-te
Desse profundo scismar de amores,
Não me criminos, pois [illegible]
Para em silencio soffrer taes dores.

Amo-te como amar-se pode
No mundo um anjo de canduras tantas,
Amo-te, fada, minha visão gentil
Com esse amor que se consagra as santas

« Dize-me, oh virgem, se me amas, dize,
De joelho eu peço a teus pés cahido !
Dá-me um sorriso, ou um « sim » de amor
E o futuro ser-nos-ha florido ! »

Teixeira Duarte.

Rio 29 de Setembro de 1878.

UMA LUVA.

A M'''

Oh ! luva bella, que perfume exhalas !...
O teu aroma me desperta amores...
E, se um só beijo te deponho leve,
Eu sinto o peito revestido em flores !...

Eu te contemplo, mergulhado sempre,
Oh ! linda luva, no perfume teu...
E, delirando, vou beijar-te louco,
Que a tua essencia meu amor prendeu !...

Se a mão, que envolves, eu podesse um dia
Beijar, tão livre, como aqui te beijo,
Eu morreria de prazer, oh ! luva,
Vendo esse rosto avermelhar de pejo..

Eu, te opprimindo contra o peito ancioso
Sinto que a virgem te reclama agora !
Mas como dar-te se roubei-te ha pouco
Das mãos da *deusa*, que minh'alma adora

.....
.....

Oh ! se te offendo, meu amor, beijando,
A luva bella dos encantos meus,
Perdôa, eu peço, e não maldigas nunca'
Pois, são delirios quem m'os dá é—Deus,

Avellar Andrade

SINTO.

AO MEO AMIGO R. M. DOS SANTOS JUNIOR.

Sinto nas horas de tristezas as vezes,
O peito enfermo retorcer-se em dôr,
E a moça triste, qu'eu amei outr'ora,
Em vão procura no meu peito amôr !

Sinto na fronte perpassar, medonha,
O ar da morte me deitando ao chão,
Sinto uma nuvem desdobrar-se immensa
Sinto a minh'alma se alegrar em vão,

No mundo o barco meu de vida vaga,
Como um poeta em regiões de amores,
Minh'alma—nauta que se atira infrene,
Nas aguas mortas só encontra—dôres,

Sinto a idéa mergulha-se, triste,
No mar de horrores, de delirios fortes,
E as grandes ondas da desgraça eu sinto,
Quebrar meu corpo como tempo as sortes.

Nas longas horas d'uma noite negra,
Eu volvo os olhos p'ro espaço ethereo,
E a terra treme, a natureza falla,
O peito é triste, tudo emfim, é serio,

Arthur de Assis Araujo.

Côrte 1878.

A * * *

RECITATIVOS

Mulher ! A phase mais cruel da vida
E' sempre a lida de viver do amor,
E' como setta que se crava n'alma
E' torpe palma que não tem valor.

Assim se o vate conquistar as glorias
Dessas victorias que nefandas são.
Irá contricto suffocar seus prantos
Nos porás santos do seu coração.

Porque se ama ? Se idolatra e estima ?
Porque se anima um coração assim ?
Depois lançal-o nos vaivens da sorte
Até que a morte venha então pôr fim.

Inda sou moço e desprendendo cantos
Sentidos prantos me orvalharão a lyra
Emfim são versos ! Producção mesquinha
Da mente minha que por ti suspira.

Tenho um nevoeiro que me obumbra a [vida
Imagem q'rida da existencia minha
Tenho uma estrella que me guia os passos
Nestes espaços em que o amor definha.

Emfim t'offereço as ardentias do cerebro
Só te asseguro que mesquinhas são.
Se ahi achares que a amizade existe
Nisto consiste o meu maior brazão.

Alarico Proença.

ANECDOTAS

Dous amigos, que havia muito tempo se não vião, encontrarão-se um dia por acaso. Como estás, disse um delles. Não estou bom, respondeu o outro, e casei-me depois da ultima vez que te vi. — Boa noticia. — Não é de todo boa, pois casei com uma mulher de muito máo genio. Tanto peior ! — Tambem não é tanto assim, pois tinha de dote trinta contos.

Então... isso lá consola...

Não muito, porque empreguei esse dinheiro em carneiros que morrerão todos de gafeira. — Na verdade é triste cousa ! Não é tão triste como pensas, pois as pelles produziram mais do que dei por elles. — Nesse caso estás indemnisado. Não de todo, pois a casa em que guardava o meu dinheiro acaba de queimar-se. — Oh ! que desgraça ! — Não é tão grande como julgas, meu amigo, pois minha mulher e o caso orderam ao mesmo tempo...

.·.

Um medico estando em uma assembléa comprimentou uma senhora, a qual lhe respondeu só com um olhar de despreso e indignação. — O que é isto ? lhe perguntou um amigo que alli se achava : em que offendeste esta bella senhora ? E' porque tratei seu marido na sua ultima enfermidade. — Bem sei ; enviastel-o para o outro mundo ? — Não, curei-o.

.·.

Conta S. Jeronymo ter visto uma mulher que fôra casada vinte e duas vezes, a qual exposára ultimamente um homem que havia sido casado vinte vezes, e que lhe sobre-viveu. Os romanos o coroaram de louro, e o fizeram levar uma palma na mão no enterro de sua mulher.

.·.

Rogo que acrediteis (dizia um philosopho a um homem riquissimo e arrogante) que eu jâmais careço do que me falta.